

As relações equipe-família em análise: a pesquisa-intervenção no Centro Psicopedagógico Renato de Avelar Azeredo

Roberta C. Romagnoli¹

Álvaro Geraldo de O. Andrade. Araujo²

Carolina Ribeiro Coelho³

Gabriela Luanda Oliveira Carneiro⁴

Esse trabalho tem como objetivo apresentar os resultados parciais da pesquisa intervenção, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais - FAPEMIG, iniciada em fevereiro de 2009, e que busca configurar e problematizar as relações no território equipe-família, evidenciando o que dificulta uma efetiva participação da família ao tratamento das crianças atendidas no Centro Psicopedagógico Renato de Avelar Azeredo da Prefeitura de Nova Lima - CPP.

Essa instituição foi fundada há 21 anos e presta atendimento tanto no campo da saúde quanto no campo da educação. Localizada nessa interface, atende crianças e adolescentes na saúde mental infantil tanto na urgência, quanto a nível ambulatorial, além de atuar em creches e escolas municipais com abordagem psicossocial e institucional de situações que envolvam educadores, crianças e familiares. Sua equipe é composta de um psiquiatra, psicólogos, assistentes sociais, fonoaudiólogos, psicopedagogas e um terapeuta ocupacional. Em seu cotidiano de trabalho tem dificuldades em conseguir uma parceria efetiva com as famílias das crianças e adolescentes, sobretudo na área da saúde mental.

Analisando os textos produzidos na área da psicologia em meados do século XIX até a segunda metade do século XX, Duarte, Russo & Venâncio (2005) salientam os processos sociais presentes na sociedade brasileira que operam a favor da “individualização”, mediante a “interiorização” de representação “psicologizadas” da pessoa ocidental moderna. Esses processos se relacionam ao individualismo, e são sustentados por saberes científicos, que visam a inserção do Brasil em valores individualistas. Essa lógica individual, de certa maneira ainda persiste em nosso meio, e não se adequa, a nosso ver, com os trabalhos no

¹ Psicóloga, Mestre em Psicologia Social pela UFMG, Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP; Profª. Do Mestrado em Psicologia da PUC Minas; Coordenadora da Pesquisa financiada pela FAPEMIG – SHA-APQ-00407.

² Discente do 5º período do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, bolsista de iniciação científica pela PIBIC.

³ Discente do 6º período do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, bolsista de iniciação científica pela FAPEMIG.

⁴ Discente do 7º período do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, bolsista de iniciação científica pela FAPEMIG

campo da saúde, e tampouco institucionais. É preciso insistir em uma lógica relacional em o que o determinante é a relação, o “entre”. Lógica relacional que acolhe desestabilizações e que se liga a um determinado conjunto de forças, a movimentos. O campo de atuação do psicólogo e da equipe é atravessado por fluxos diversos, coloca em associação distintas disciplinas, representações ideológicas e cenários sócio-políticos. É no cruzamento desses fluxos que surge a necessidade de criação, é na perturbação do que já existe que novas ofertas são criadas mudando assim as demandas.

A partir de uma lógica relacional, podemos nos perguntar: como se dá esse encontro entre família e equipe. Que pactos, tais como, silêncio, tutela, acusação, cobrança, aliança, se fazem? Quais vêm potencializando mais saúde e qualidade de vida para as crianças e adolescentes? Em que condições se dão? Quais facultam mudanças nos serviços e nos modos de funcionamento familiar? Que dispositivos investem na cristalização dessas relações como, por exemplo, o olhar individualizante?

Para abarcar a demanda atual do serviço estudado, buscamos, dessa maneira, conhecer o campo de análise, aqui denominado território equipe-família, produzindo conhecimentos históricos, políticos e conjunturais com participação ativa da comunidade implicada; criar dispositivos de análise da vida dos grupos envolvidos na sua diversidade levando-se em consideração a necessidade de realização de ações efetivas para uma parceria potencializadora no território equipe-família; efetuar análises micropolíticas visando à promoção de saúde, ao dar a esses grupos não só oportunidades de verbalizar acerca de suas questões e conflitos do cotidiano, mas também possibilidades de buscar novas formas de lidar com os mesmos; estabelecer uma parceria com CPP, no sentido de contribuir com o conhecimento acadêmico para a melhoria das condições sociais e psicológicas da comunidade, aproximando o aluno em formação do campo de prática da Psicologia e da comunidade em que esta prática se insere e criar dispositivos de devolução e avaliação da pesquisa para a comunidade.

Com o intuito de atender tais objetivos este estudo se insere na linha de pesquisa-intervenção cartográfica. Essa metodologia atua como um dispositivo que persegue a complexidade, a processualidade, colocando problemas, buscando o coletivo de forças em cada situação, alterando o modo de conceber a pesquisa e o encontro do pesquisador com seu campo (Kastrup, 2008; Mairesse, 2003; Kirst, Giacomel, Ribeiro, Costa, Andreoli, 2003; Romagnoli, no prelo). Em contraposição a uma forma de pensar dicotômica, e fundamentando-se nas idéias de Deleuze e Guattari (1996) essa vertente de pesquisa convoca a imanência, a exterioridade das forças que atuam na realidade, buscando conexões, abrindo-

se para o que afeta. Nesse sentido, a subjetividade deve ser pensada como um sistema complexo e heterogêneo, constituído não só pelo sujeito, mas também pelas relações que este estabelece. Essas relações denunciam a exterioridade de forças que incidem sobre cada um de nós e sobre as famílias, e atuam rizomaticamente, de uma maneira transversal, ligando processualmente a subjetividade a situações, ao coletivo, ao heterogêneo. A subjetividade é constituída por múltiplas linhas e planos de forças que atuam ao mesmo tempo: linhas duras, que detêm a divisão binária de sexo, profissão, camada social, e que sempre classificam, sobrecodificam os sujeitos; e linhas flexíveis, que possibilitam o afetamento da subjetividade e criam zonas de indeterminação, permitindo-lhe agenciar (Deleuze & Parnet, 1998). E a cartografia se apresenta como valiosa ferramenta de investigação exatamente para abarcar a complexidade, a zona de indeterminação que a acompanha, colocando problemas, investigando o coletivo de forças em cada situação, esforçando-se para não se curvar aos dogmas reducionistas

Nessa proposta, a subjetividade compõe um território existencial, que é composto por planos simultâneos que coexistem sem hierarquia e nem determinação. São eles: o plano de organização, o plano de consistência e o plano de imanência. De acordo com Deleuze e Guattari (1995), ao plano de organização correspondem as imagens sociais, as figuras existentes, as idéias feitas, os corpos prontos. Esse plano organiza a realidade de maneira dicotômica e dissociativa, codificando-a, registrando-a em processos classificatórios, via operações de transcendência. Nessa superfície cada termo ganha sentido opondo-se a outro. O plano de consistência é o plano invisível de expansão da vida, composto pelas forças moleculares que atravessam o campo social. É nesse plano que se dão os encontros e os agenciamentos que vão gerar novos sentidos, novas formas de expressão. Nessa superfície, por sua vez, não há oposição, mas uma variação contínua. Por outro lado, o que sustenta estes dois planos é o plano de imanência, que possibilita e sustenta as relações entre as forças componentes da realidade, consistindo no “meio” em que tudo se dá - dimensão de fluxos e conexões. Os fluxos, em estado de imanência, estão presentes em todos os planos, e o que se altera é sua composição: esta é segmentar no plano de organização e fluida no plano de consistência. Segundo os referidos autores, a forma segmentar estanca a circulação da vida e opera cortes e recortes que produzem o modo de a espécie humana se colocar no mundo, e tem como objetivo estabelecer métodos de hierarquização e de organização. Por outro lado, a forma fluida é mutante e criadora e corresponde à possibilidade de agenciar, de construir uma linha de fuga, outro território existencial.

É por essa perspectiva teórica que esperamos abarcar o território equipe-família, apostando na possibilidade de invenção, de desconstrução do plano de organização para fazer irromper outra relação, outro pensar/fazer na saúde. Acreditamos que nosso objeto de pesquisa está implicado com todas as representações instituídas de saúde, de doença, de atendimento, dos papéis e lugares de cada um dos profissionais, inclusive do pesquisador e da família. Essas representações estão sedimentadas e se repetem sem fazer diferença, em uma relação de padronização e cristalização. Nesse contexto, equipe-família são produtores e efeitos dessa mistura, desse encontro, embora geralmente seja a criança ou o adolescente que problematize esse território, sendo, no nosso entender causa e efeito dessa relação. Como causa, faculta uma relação entre família e equipe. Como efeito, ele põe em análise os limites dessas instituições em fazer funcionar o tratamento (Rocha & Uziel, 2008).

Nesse contexto, o conhecimento emerge do plano de forças que compõe a realidade ora operando em prol do estabelecido, ora operando a favor de agenciamentos produtivos, de acontecimentos que trazem o novo, de maneira processual e singular. Mas sempre tentando desarticular as práticas e os discursos instituídos, elucidar os processos complexos, as relações depotencializadoras que impedem a invenção, sendo que é nesse jogo que se dá a construção do conhecimento (Aguilar & Rocha, 2007). Dessa maneira, ao mesmo tempo em que se pesquisa também se realizam intervenções, e o pesquisador contribui efetivamente com os problemas do coletivo pesquisado. A partir dos encontros, das observações, dos afetamentos, da análise da implicação, dentre outros, busca-se micropoliticamente colocar em análise os efeitos das práticas no cotidiano institucional, desconstruindo territórios cristalizados e facilitando a criação de novas práticas, como aponta Paulon (2005).

Iniciamos nosso processo de pesquisa, antes da aprovação pela agência de fomento, em agosto de 2008, com o grupo de estudos “Micropolítica e Pesquisa Intervenção”. Esse grupo teve como público alvo, alunos da graduação em Psicologia da PUC Minas e funcionários do Centro Psicopedagógico Renato de Avelar Azeredo. Seu objetivo era estudar a micropolítica a partir das idéias de Gilles Deleuze e Félix Guattari, realizando ainda uma articulação com a pesquisa intervenção. Tanto para os alunos conhecerem o processo e ver quem se interessava pela iniciação científica nessa vertente, quanto para a equipe do serviço estudar os autores e ver do que se tratava, de fato, a pesquisa. O grupo era heterogêneo e abalou planos de organização distintos com funções estabelecidas: a universidade com seus alunos e professores, de certa forma, isolada da prática, e os funcionários do serviço somente interessados em seu cotidiano profissional, sem realizar reflexões e estudos. Os encontros quinzenais efetuados no Mestrado em Psicologia da PUC Minas, com leitura prévia de textos

por todos os participantes e as discussões coletivas que se seguiam, permitiam a circulação do conhecimento e da vida, afetando as subjetividades envolvidas. O retorno que tivemos foi positivo, inclusive dos membros da equipe. Consideramos esse grupo já um dispositivo de intervenção na realidade que nos dispusemos a estudar.

Assim que a pesquisa foi aprovada, no final de novembro de 2008, tivemos um primeiro encontro com a equipe do CPP a fim de conhecê-los e eles a nós, anunciando a pesquisa que iria se desenvolver. É preciso esclarecer que a demanda da análise do que dificulta uma efetiva participação da família ao tratamento das crianças atendidas no centro, veio da própria equipe, a partir de um curso de curta duração, ministrado pela coordenadora da pesquisa. Esse curso teve como pergunta final, como propiciar agenciamentos inventivos com as famílias. Essa questão propiciou a emergência das dificuldades no cotidiano com o grupo familiar e surgiu a proposta/possibilidade de se realizar uma pesquisa intervenção.

As primeiras orientações com as alunas bolsistas de iniciação científica versaram sobre a análise da implicação, que “(...) defini-se como o processo que ocorre na organização analítica, em sua equipe, como resultado da organização analisada” (Baremblytt, 1992, p. 153). Essa análise iniciou-se com a problematização das seguintes questões: o que a instituição nos provocou? Quais formam nossas impressões? Como pensamos a pesquisa lá? Quais endurecimentos localizamos? Quais possibilidades? Percebemos um grande acolhimento por parte da equipe e um desejo real de que as dificuldades vivenciadas com as famílias no seu dia-dia encontrem alguma saída. Em nossa visita inicial surgiu um dado da instituição se situar associada à Secretaria de Educação de Nova Lima e não à Secretária de Saúde, o que nos levou a decidir realizarmos entrevistas com o procedimento metodológico de história oral com os três psicólogos participantes da fundação do CPP.

Vale lembrar que o procedimento metodológico da história oral tem como categoria de análise a teoria da narrativa, em que elementos comuns nas falas singulares como concepções instituídas, mudanças de linguagem, distância e perspectiva são analisados sob a implicação da parcialidade da narrativa (Mattar, 2008; Rodrigues, 2005). Assim, o que é considerado fragilidade científica na história oral deve ser visto, ao contrário, como recurso em que a dimensão subjetiva da análise “*psi*” é incorporada como importante instrumento que possibilita resgatar o passado pela memória dos indivíduos. A relevância-metodológica-política diz respeito a desmistificação do narrador/pesquisador onisciente, do saber universal documentado em terceira pessoa e sua supremacia. O uso da história oral não estava previsto no projeto inicial, mas julgamos necessários, pelos atravessamentos que parecem existir no cotidiano de trabalho da equipe. Nesse sentido, percebemos que o CPP realiza atuações

variadas com as famílias, não só na área clínica, via o atendimento de crianças e adolescentes, mas também possuem projetos no campo da Educação, atuando junto às escolas, que desconhecíamos. Dessa maneira, ficamos sabendo mais acerca da fundação do serviço pesquisado e do seu funcionamento.

A partir da análise das entrevistas sobre a história do CPP pode-se inferir alguns atravessamentos políticos que perpassam o cotidiano da instituição. Tais atravessamentos dizem respeito às dificuldades da dinâmica do serviço para lidar com questões macropolíticas. Questões estas que existem desde a sua criação e que se manifestam na mudança da sede de trabalho, na contratação de um serviço terceirizado, na determinação do número de casos atendidos, no repasse de verbas, dentre outros. Observa-se também que no município prevalecem práticas políticas interioranas e pessoais que enfatizam ações individuais em detrimento de posturas institucionais.

Até o presente momento foram efetuados ainda os seguintes procedimentos metodológicos para a coleta de dados: assembleias com a equipe e entrevistas semi-estruturadas com familiares e profissionais.

As assembleias, além de servirem para dar um *feedback* configuram-se como intervenções no processo de pesquisa, em que algum dado ou implicação é utilizado como dispositivo de convocação de análise coletiva, para fazer circular os discursos e forças, e desestabilizar o território instituído. Assim, a primeira assembleia geral foi realizada para apresentar a pesquisa e analisar se as questões se mantinham, se o “problema” havia tomado outra configuração, se permanecia o interesse da equipe em desenvolver a pesquisa, bem como analisar as implicações que tais questionamentos faziam emergir durante a própria assembleia. Os resultados evidenciaram tanto a permanência da demanda do trabalho com as famílias e a dificuldade de efetivação do mesmo, isso devido aos vários atravessamentos no dia-a-dia da instituição que têm implicações diretas na atuação da equipe, quanto à disponibilidade dos profissionais para a pesquisa. Esses atravessamentos configuram-se em: situação político burocrática da instituição que apesar de pertencer oficialmente ao departamento da secretaria de educação, embora sua atuação ocorra em interface com a saúde, não recebe apoio e subsídios necessários para desenvolver seus trabalhos; os conflitos de poder entre os saberes dentro da instituição constituem relações de poder entre os especialistas e usuários, e entre as profissões que constituem o grupo, afetando o trabalho em equipe; a dificuldade de discussão dos casos clínicos em grupos maiores, o que dificulta, algumas vezes no andamento dos mesmos. Esses conflitos estão relacionados tanto ao saber/poder, quanto ao vínculo empregatício de cada um na instituição que acentua diferenças

de jornada de trabalho e salário entre os profissionais, dentre outros. A segunda assembleia teve o intuito de dar um parecer sobre o andamento da pesquisa e os resultados obtidos, até então, à equipe da instituição. No decorrer desta foram citados os congressos em que a pesquisa foi apresentada e se expôs dois pontos que surgiram no processo de análise dos dados. Um deles refere-se aos atravessamentos políticos que perpassam a instituição, assim como citado na entrevista de história oral, e o outro se dirige ao acontecimento ocorrido durante o encontro para realização de uma entrevista com uma das famílias selecionadas. Tal acontecimento refletiu possíveis implicações na relação da equipe com a família, como: manutenção do plano de organização em que estratos e segmentos rígidos impedem a subjetividade de inventar, operando por transcendência (classificação e ordenação) configurado pela vigilância, pressão, ameaça e julgamento. Diante disso levantou-se a seguinte questão: “Onde pode aparecer a potência dos encontros e fazer emergir o plano de consistência que une elementos heterogêneos?”, o que desencadeou uma proposta de intervenção junto a equipe que convocasse uma nova leitura.

Para a realização das entrevistas foi efetuado um levantamento inicial para a seleção das pessoas a serem entrevistadas tanto com equipe quanto com familiares. No que se refere às entrevistas com o grupo familiar, presenciamos uma dificuldade por parte da equipe de indicar as famílias para a realização das entrevistas semi-estruturadas. Embora na primeira assembleia geral, tenha ficado combinado que seria discutido em equipe e que as famílias seriam encaminhadas a partir dessa reunião. Quando encaminhada a lista inicial, surgiu-se uma série de indagações por parte da coordenação acerca dessas entrevistas: quem seria entrevistado? Onde elas seriam feitas? Essas entrevistas não exporiam as famílias? Diante dessas colocações, optamos por ir ao serviço e conversar com as equipes que atendem famílias para apresentar nossos objetivos com as entrevistas, o questionário, a aprovação do comitê de ética (termo de consentimento), nossas experiências anteriores com entrevistas com esse grupo e pensarmos juntos quais os critérios que eles usaram para a escolha das famílias. Tudo isso com o intuito de analisar o que estava dificultando o acesso ao grupo e criar um espaço de reflexão da equipe na sua relação com a família e a pesquisa. Nessa assembleia parcial surge uma curiosidade acerca da lista enviada pela equipe da manhã, que não sabia da sua existência. Esclarecemos e a psicóloga desse turno colocou que não concordava com essa distribuição, pois a equipe da amanhã deveria participar da escolha, e não participou. Fica evidente a dificuldade de relação da equipe, nos diferentes turnos. Decidimos fazer entrevistas com 06 famílias inicialmente, sendo 03 famílias indicadas pelo turno da manhã e três pelo turno da tarde. A equipe da manhã colocou que a discussão que eles farão para a

escolha das famílias já será muito importante, pois é uma oportunidade de trocarem idéias, de partilhar experiências, uma vez que o trabalho no CPP é muito solitário, é só clínico e isso faz falta no cotidiano deles. Considera que tal oportunidade já é uma intervenção da pesquisa. No momento, já realizamos 03 entrevistas com as famílias que estão em fase de transcrição.

No que se refere às entrevistas com os profissionais da equipe, uma das psicólogas ficou de levar na reunião geral a proposta de entrevista e de passar uma lista para levantar os profissionais que estariam interessados em participar. Essa lista foi encaminhada e realizamos um sorteio de 04 profissionais para serem entrevistados inicialmente, um de cada área de atuação: psicologia, assistência social, fonoaudiologia e psicopedagogia. Em seguida, na segunda assembleia geral, foram incluídas a psiquiatra e a profissional da terapia ocupacional. Já realizamos todas as entrevistas com a equipe e estas estão em fase de transcrição.

Esses são os dados coletados até o momento. Serão usados ainda os seguintes dispositivos de intervenção a serem construídos para a análise das demandas, das implicações, dos atravessamentos e da transversalidade: continuação das assembleias gerais mensais com toda a equipe do CPP e da pesquisa; observação dos projetos realizados pela equipe; retomada do grupo de estudos e término das entrevistas semi-estruturadas individuais com as famílias.

Acreditamos, nesse processo, que essa pesquisa configura-se em intervenções constantes junto à equipe e aos familiares numa tentativa de que o processo seja coletivo, em que teoria e prática produzem e são produzidas nos encontros e acontecimentos. Esperamos, desta maneira, tentar dar conta tanto da complexidade que atravessa a relação da equipe com a família, quanto da construção de alternativas de trabalho com o grupo, bem como favorecer a formação dos psicólogos para atuar nessa realidade. Vários profissionais trabalham direta ou indiretamente com a família e acreditamos ser necessário não só a produção de conhecimento sobre o tema, mas também a construção de novos dispositivos que intervenham nessa situação, e contribuam para formação de profissionais que consigam sustentar essa heterogeneidade.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Kátia F & ROCHA, Marisa L. Micropolítica e o exercício da Pesquisa-Intervenção: referenciais e dispositivos em análise. **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília, v. 27, n. 4, p. 648-663, dez. 2007.

- BAREMBLITT, Gregorio. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. 1933: micropolítica e segmentaridade. In: _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996, v. 3, p. 83-115
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. In: _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, v. 1, cap. 1, p. 11-37.
- DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- DUARTE, Luiz Fernando; RUSSO, Jane & VENÂNCIO, Ana Teresa A. (Orgs). **Psicologização no Brasil: atores e autores**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.
- KASTRUP, Virgínia. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção In: CASTRO, Lucia. Rabelo & BESSET, Vera Lúcia (Orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p. 465-489.
- KIRST, Patrícia Gomes; GIACOMEL, Angélica Elisa; RIBEIRO, Carlos José; COSTA, Luis Arthur & ANDREOLI, Giovani Souza. Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Org.). **Cartografias e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 91-101.
- MAIRESSE, Denise. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Org.). **Cartografias e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 259 – 271.
- MATTAR, Cristine Monteiro. A fala do entrevistado como narrativa: encontros possíveis entre o psicólogo e a história oral a partir das contribuições de Alessandro Portelli. **Mnemosine**, v. 4, n.1, p. 66-87, jul. 2008.
- PAULON, Simone Mainieri. A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 17, n.3, p. 16-23, set./dez.2005.
- ROCHA, Marisa Lopes. & UZIEL, Ana Paula Pesquisa-intervenção e novas análises no encontro da Psicologia com as instituições de formação. In: CASTRO, Lucia. Rabelo de & BESSET, Vera Lopes (Orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p. 532-556.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Alucinando Portelli. Celebração do amor entre um historiador (oral) e seu leitor. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 117-149, 2005.
- ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre (NO PRELO).